

Raramente falo de política, embora todos os nossos atos e palavras sejam políticos, mas surgiu na ciberesfera um gráfico que não pude verificar mas que assusta. Como há anos venho escrevendo, qualquer dia, com a abstenção que temos, os eleitores fantasma dos cadernos eleitorais e o desinteresse generalizado da população, só os interessados membros de cada partido votarão nas eleições do futuro. Afinal parece que estamos a chegar lá mais depressa do que imaginei.

António Costa vai governar com o voto de 17,65% dos portugueses



**Não chegam a ser 2,
em cada 10,
os eleitores
que votaram no PS**

(ou seja, mais de 82%
dos eleitores não votaram no PS)



Por outro lado, não me parece avisado alargar ainda mais o governo do país com secretários de estado às dezenas, novos ministérios e tão pouca renovação de alguns membros do governo cujo prazo de validade há muito expirou (Ambiente e Administração Interna, Educação, entre muitos outros...). A política é assim, governar para os superiores interesses da classe dominante e no poder e não do país. Muitos apontaram soluções mas poucos estarão interessados em implementá-las.

Prometo manter-me, cada vez mais alheado de uma classe que esquece a nossa existência logo após os resultados eleitorais, e que devia governar para nós e não por nós...

Depois, tenho de criticar que o governo da República quer o da Região por, continuarem a não investir a sério na cultura, tradição que há muito se mantém, pois todos sabemos que um povo culto é um perigo, ainda começavam a ler livros e ter ideias próprias ... um povo sem capacidade de interpretação, de se questionar e aos que o rodeiam, incapaz de ser responsável numa sociedade que nunca reconhece o mérito, só favorece o nepotismo e corrupção que permeiam a todos os níveis esta sociedade onde vivemos, e onde a apatia grassa já nos casos diários que são noticiados e que morrem por prescrição ou falta de provas.

Aceita-se a corrupção com o enfado de quem se confronta com um dia de mau tempo invernal.

Diz a História que as sociedades progridem quando as elites pensantes conseguem mobilizar o resto dos concidadãos para criar sociedades mais cultas e justas e tenho de admitir que a nível pessoal pouco ou nada posso fazer, além de continuar a liderar os Colóquios da Lusofonia, que, obviamente nunca terão a atração de um espetáculo de voyeurismo na TVI ou CM, ou de um jogo de futebol, um escândalo ou um crime escabroso.

Resta-me, assim, nesta impotência, continuar nesse rumo que tracei há vinte anos, grato e venerando pelos parcos apoios que recebemos e nos ajudam a sobreviver e esperar que, no futuro, Orwell passe de novo a significar a ficção e não a realidade em que vivo.

Na realidade, a democracia, a justiça, equidade e outros princípios sagrados vigoraram em períodos tão curtos da História que até parece que nunca ocorreram e acreditar neles só está ao alcance de poetas e sonhadores utópicos como sempre fui.

Para o Diário dos Açores (desde 2018) Diário de Trás-os-Montes (desde 2005) e Tribuna das Ilhas (desde 2019)
Chrys Chrystello, Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713 [Australian Journalists' Association] MEEA/AJA]